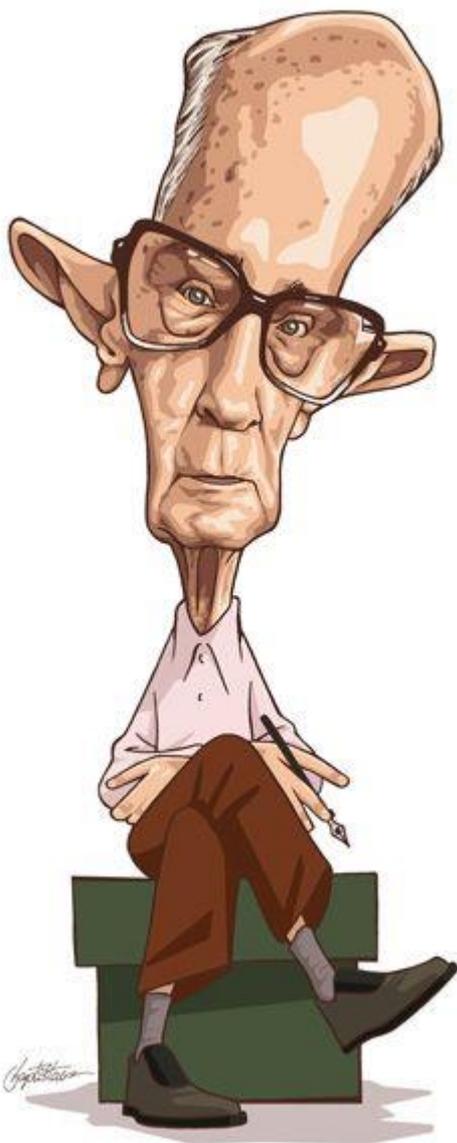


**E. M. PROF. LOURENÇO DE OLIVEIRA 3º CICLO 31/10/2021**  
**PROJETO ALMA NEGRA / PROJETO OH! MINAS GERAIS**  
**DIA D DRUMMOND**



**IN: BLOG DO TONHO**

**BREVE ANTOLOGIA DIA D DRUMMOND**  
**ORGANIZADORA: Profª Vera Sebastião**

## SUMÁRIO

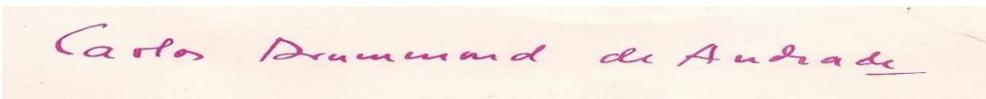
1. Cidadezinha Qualquer.....	03
2. Quadrilha.....	03
3. Infância.....	04
4. No meio do caminho.....	04
5. Poema de Sete Faces.....	05
6. Amor.....	06
7. Congresso Internacional do Medo.....	07
8. Ainda que mal.....	07
9. Eu Etiqueta.....	08
10. Canção Amiga.....	10
11. Lira Itabirana.....	11
12. Negra.....	11
13. Homem Livre.....	12
14. Mãos Dadas.....	13
15. O Homem, as Viagens.....	13

## CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

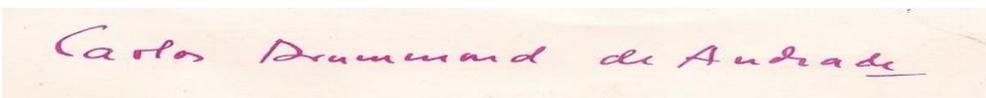
Eta vida besta, meu Deus.



IN: Alguma poesia (1930)

## QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo  
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili  
que não amava ninguém.  
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,  
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes  
que não tinha entrado na história



**INFÂNCIA** [https://youtu.be/LqoY\\_vn4eHU](https://youtu.be/LqoY_vn4eHU)

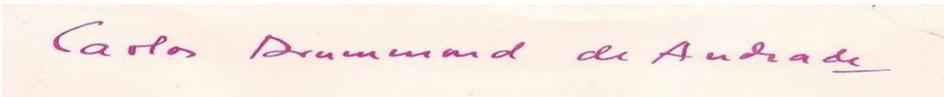
Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
- Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

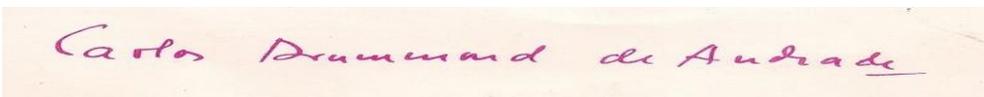
E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.



**NO MEIO DO CAMINHO** <https://youtu.be/t5z8mgsxWrM>

No meio do caminho tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.



**POEMA DE SETE FACES <https://youtu.be/2Y4LrgYUMbw>**

**Quando nasci, um anjo torto  
Desses que vivem na sombra  
Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida**

**As casas espiam os homens  
Que correm atrás de mulheres  
A tarde talvez fosse azul  
Não houvesse tantos desejos**

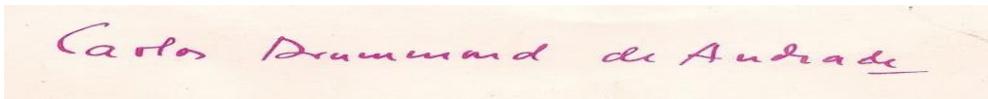
**O bonde passa cheio de pernas  
Pernas brancas pretas amarelas  
Para que tanta perna, meu Deus,  
pergunta meu coração  
Porém meus olhos  
Não perguntam nada**

**O homem atrás do bigode  
É sério, simples e forte  
Quase não conversa  
Tem poucos, raros amigos  
O homem atrás dos óculos e do bigode  
Meu Deus, por que me abandonaste  
Se sabias que eu não era Deus  
Se sabias que eu era fraco**

**Mundo mundo vasto mundo  
Se eu me chamasse Raimundo**

**Seria uma rima, não seria uma solução  
Mundo mundo vasto mundo  
Mais vasto é meu coração**

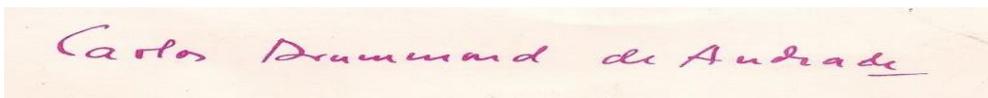
**Eu não devia te dizer  
Mas essa lua  
Mas esse conhaque  
Botam a gente comovido como o diabo**



*Carlos Drummond de Andrade*

## **AMOR**

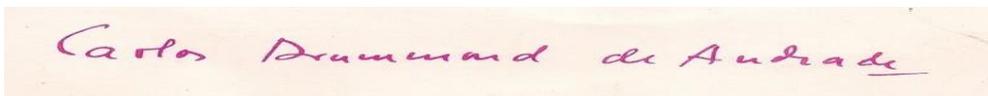
**Amor é bicho instruído  
Olha: o amor pulou o muro  
o amor subiu na árvore  
em tempo de se estrepar.  
Pronto, o amor se estrepou.  
Daqui estou vendo o sangue  
que escorre do corpo andrógino.  
Essa ferida, meu bem  
às vezes não sara nunca  
às vezes sara amanhã.**



*Carlos Drummond de Andrade*

## CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO

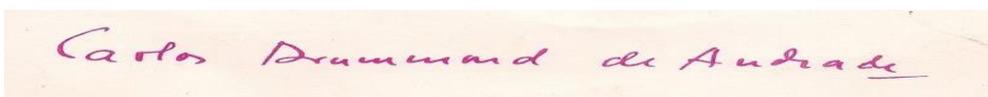
Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.



Carlos Drummond de Andrade

## AINDA QUE MAL

Ainda que mal pergunte,  
ainda que mal respondas;  
ainda que mal te entenda,  
ainda que mal repitas;  
ainda que mal insista,  
ainda que mal desculpes;  
ainda que mal me exprima,  
ainda que mal me julgues;  
ainda que mal me mostre,  
ainda que mal me vejas;  
ainda que mal te encare,  
ainda que mal te furtes;  
ainda que mal te siga,  
ainda que mal te voltes;  
ainda que mal te ame,  
ainda que mal o saibas;  
ainda que mal te agarre,  
ainda que mal te mates;  
ainda assim te pergunto  
e me queimando em teu seio,  
me salvo e me dano: amor.



Carlos Drummond de Andrade

## **EU ETIQUETA**

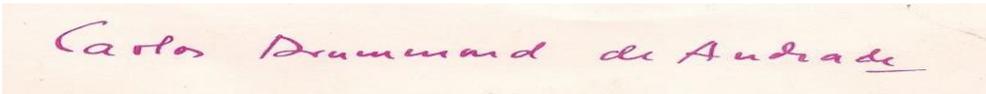
**Em minha calça está grudado um nome  
Um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nessa vida,  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produtos  
Que nunca experimentei  
Mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente,  
Meu copo, minha xícara,  
Minha toalha de banho e sabonete,  
Meu isso, meu aquilo.  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, permanência,  
Indispensabilidade,  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
Escravo da matéria anunciada.  
Estou, estou na moda.**

**É duro andar na moda, ainda que a moda  
Seja negar minha identidade,  
Trocá-la por mil, açambarcando  
Todas as marcas registradas,  
Todos os logotipos do mercado.  
Com que inocência demito-me de ser  
Eu que antes era e me sabia  
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,  
Ser pensante sentinte e solitário  
Com outros seres diversos e conscientes  
De sua humana, invencível condição.  
Agora sou anúncio  
Ora vulgar ora bizarro.  
Em língua nacional ou em qualquer língua**

(Qualquer principalmente.)  
E nisto me comparo, tiro glória  
De minha anulação.  
Não sou - vê lá - anúncio contratado.  
Eu é que mimosamente pago  
Para anunciar, para vender  
Em bares festas praias pérgulas piscinas,  
E bem à vista exibo esta etiqueta  
Global no corpo que desiste  
De ser veste e sandália de uma essência  
Tão viva, independente,  
Que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
Meu gosto e capacidade de escolher,  
Minhas idiosincrasias tão pessoais,

Tão minhas que no rosto se espelhavam  
E cada gesto, cada olhar  
Cada vinco da roupa  
Sou gravado de forma universal,  
Saio da estamperia, não de casa,  
Da vitrine me tiram, recolocam,  
Objeto pulsante mas objeto  
Que se oferece como signo dos outros  
Objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
De ser não eu, mas artigo industrial,  
Peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é Coisa.  
Eu sou a Coisa, coisamente.

Que não é meu de batismo ou de cartório



Carlos Drummond de Andrade

## Canção Amiga

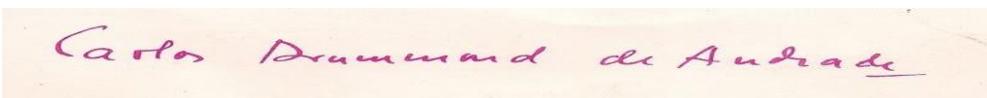
Eu preparo uma canção  
Em que minha mãe se reconheça  
Todas as mães se reconheçam  
E que fale como dois olhos

Caminho por uma rua  
Que passa em muitos países  
Se não me veem, eu vejo  
E saúdo velhos amigos

Eu distribuo um segredo  
Como quem ama ou sorri  
No jeito mais natural  
Dois carinhos se procuram

Minha vida, nossas vidas  
Formam um só diamante  
Aprendi novas palavras  
E tornei outras mais belas

Eu preparo uma canção  
Que faça acordar os homens  
E adormecer as crianças



Carlos Drummond de Andrade

## LIRA ITABIRANA

I

O Rio? É doce.  
A Vale? Amarga.  
Ai, antes fosse  
Mais leve a carga.

II

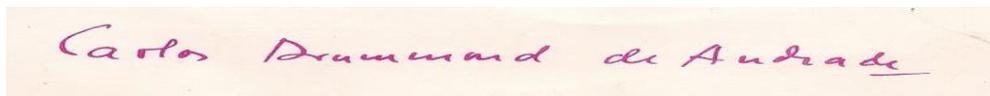
Entre estatais  
E multinacionais,  
Quantos ais!

III

A dívida interna.  
A dívida externa  
A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos  
De ferro?  
Quantas lágrimas disfarçamos  
Sem berro?

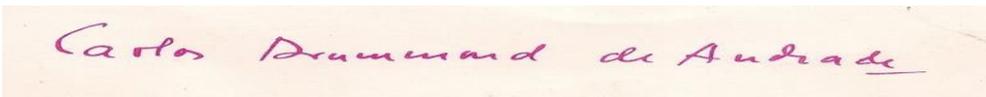


*Carlos Drummond de Andrade*

## NEGRA

A negra para tudo  
a negra para todos  
a negra para capinar plantar  
regar  
colher carregar empilhar no paiol  
ensacar  
lavar passar remendar costurar cozinhar  
rachar lenha  
limpar a bunda dos nhozinhos  
tregar.

A negra para tudo  
nada que não seja tudo tudo tudo  
até o minuto de  
(único trabalho para seu proveito exclusivo)  
morrer.

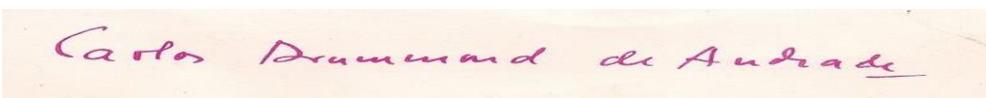


### HOMEM LIVRE

Atanásio nasceu com seis dedos em cada mão.  
Cortaram-lhe os excedentes.  
Cortassem mais dois, seria o mesmo  
admirável oficial de sapateiro, exímio seleiro.  
Lombilho que ele faz, quem mais faria?  
Tem prática de animais, grande ferreiro.

Sendo tanta coisa, nasce escravo,  
o que não é bom para Atanásio nem para ninguém.  
Então foge do Rio Doce.  
Vai parar, homem livre, no Seminário de Diamantina,  
onde é cozinheiro, ótimo sempre, esse Atanásio.

Meu parente Manuel Chassim não se conforma.  
Bota anúncio no Jequitinhonha, explicadinho:  
Duzentos mil-réis a quem prender crioulo Atanásio.  
Mas quem vai prender homem de tantas qualidades

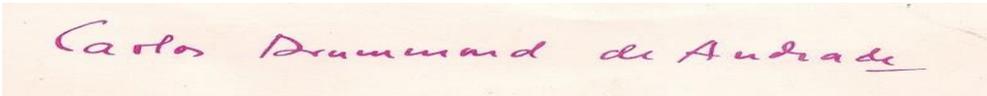


## MÃOS DADAS

Carlos Drummond de Andrade

Não serei o poeta de um mundo caduco. \*  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. \*  
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,



## O HOMEM; AS VIAGENS

O homem, bicho da terra tão pequeno  
Chateia-se na terra  
Lugar de muita miséria e pouca diversão,  
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
Toca para a lua  
Desce cauteloso na lua  
Pisa na lua  
Planta bandeirola na lua  
Experimenta a lua  
Coloniza a lua  
Civiliza a lua  
Humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à terra.  
O homem chateia-se na lua.  
Vamos para marte - ordena a suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em marte  
Pisa em marte  
Experimenta  
Coloniza  
Civiliza  
Humaniza marte com engenho e arte.

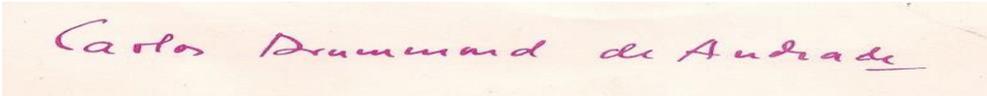
Marte humanizado, que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?  
Claro - diz o engenho  
Sofisticado e dócil.  
Vamos a vênus.  
O homem põe o pé em vênus,  
Vê o visto - é isto?  
Idem  
Idem  
Idem.

O homem funde a cuca se não for a júpiter  
Proclamar justiça junto com injustiça  
Repetir a fossa  
Repetir o inquieto  
Repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira terra-a-terra.  
O homem chega ao sol ou dá uma volta  
Só para tever?  
Não-vê que ele inventa  
Roupa insiderável de viver no sol.  
Põe o pé e:  
Mas que chato é o sol, falso touro  
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora  
Do solar a col-  
Onizar.  
Ao acabarem todos  
Só resta ao homem  
(estará equipado?)  
A difícilíssima dangerousíssima viagem  
De si a si mesmo:  
Pôr o pé no chão  
Do seu coração  
Experimentar

Colonizar  
Civilizar  
Humanizar  
O homem  
Descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
A perene, insuspeitada alegria  
De con-viver.



Carlos Drummond de Andrade